

Olmert e a promiscuidade entre política e dinheiro em Israel no Ponto de Vista de Jorge Almeida Fernandes P2

Legislação que regula pesca lúdica e apanha de marisco prejudica a sobrevivência dos pescadores mais pobres

Carlos Dias

Regras impostas pelo Governo intensificam os protestos das populações entre Sines e Sagres

Os pequenos pescadores continuam a protestar contra a portaria que, desde Janeiro de 2007, estabelece o novo quadro legal da pesca lúdica. Perto de meio milhar de pessoas reuniram-se, anteontem à noite, em Vila Nova de Milfontes, para reclamar contra as regras que limitam um complemento alimentar importante de muitas famílias de Sines a Sagres.

Deputados do PS e do PCP, acompanhados por um representante do Bloco de Esquerda e autarcas, reforçaram as críticas a uma portaria que representa “uma grande violência” pelo peso “desmesurado” das multas que são aplicadas aos infratores, como notou Carlos Carvalho, portavoza das comissões de pescadores e da população da costa alentejana e vicentina. A nova lei veio agravar a situação de pessoas idosas e reformadas que tinham na pesca de perceves, ouriços-do-mar, mexilhão e ostras o seu meio de subsistência a par dos produtos hortícolas que semeiam junto às suas residências.

É o caso de Mestre Egídio, de 80



Uma actividade de subsistência

anos, que pegava “no ganchito para apanhar umas lapazitas para a companhia (mulher)”. Teve azar. Recentemente foi apanhado pela Polícia Marítima e obrigado a pagar uma multa de 250 euros, mais do que a sua reforma de 220 euros. “Passou a ser frequente ver homens a chorar”, por lhe tirarem

um meio de sustento da família, garantiu o porta-voz dos pescadores, que não quer presenciar filas de pessoas “à busca da sopa dos pobres” - quando “o mar sempre foi nosso e sempre foi preservado por nós”.

Fernando Varela, que dirigiu a reunião na Casa do Povo de Milfontes, diz

À espera do Governo

Outras formas de luta em preparação

O novo quadro legal impõe a apanha de apenas meio quilo de perceves, mas os pescadores exigem que peso máximo seja estipulado entre os dois e os três quilos. No caso de mexilhões, ouriços e ostras, por se tratar de espécies muito pesadas, volumosas e com grandes quantidades de água, os limites permitidos devem ser aumentados dos actuais dois quilos para dez quilos por cada espécie. Os pescadores não voltam a reunir-se para debater o assunto. Mas avisam que, se o secretário de Estado do Ambiente não aceder em ouvir os seus argumentos, como até aqui, adoptarão outras formas de luta.

“tanto os idosos como os reformados precisam do mar” para viver com um mínimo de dignidade. O presidente da Câmara de Aljezur, Manuel Marreiros, não consegue imaginar as pessoas da região sem poderem desfrutar do mar: “Cada vez é mais importante o complemento alimentar e

a nossa costa é a mais rica em marisco e peixe do país”.

José de Matos, pescador sexagenário, pediu que o autorizem a “continuar a apanhar ostras no rio Mira”. Desde que a lei entrou em vigor “acabaram os convívios” com os amigos à volta de um prato de crustáceos.

Danos da indústria

Carlos Carvalho também faz mergulho. Quando começou a “bater” a costa do concelho de Odemira, há 15 anos, lembra-se que a vida subaquática era luxuriante, “das algas laminares que entretanto desapareceram e do verde que cobria as rochas”. Actualmente, acrescenta, nos locais junto aos barrancos onde desaguiam as escorrências lançadas a partir das explorações onde se pratica agricultura intensiva, “já não há verde nem espécies da fauna marinha”.

Se a orla costeira de Odemira é contaminada pela água carregada de nutrientes nocivos que escorre da terra, o cenário não melhora através do ar, a partir das substâncias gasosas lançadas pelo complexo industrial de Sines, igualmente prejudiciais à fauna marinha. Uma realidade apontada por Carlos Carvalho, com base nas conclusões de um estudo elaborado pelo Ministério da Agricultura, em 2000, que analisou as consequências das emanações de substâncias contaminantes do ambiente.

Nódoa vinícola

Indo Eu



Ricardo Garcia

Era vinho. Um copo inteiro de vinho derramado sobre um par de calças. Além do desperdício - matéria grave no actual momento de crise alimentar -, o palco da ocorrência não era dos mais desafogados para uma situação como aquela. Estava dentro de um avião, a dez quilómetros de altitude, reduzido ao microcosmo do assento, num daqueles voos de nove horas, mas que parecem durar 24.

No exíguo espaço aeronáutico, cada passageiro normalmente tem um slot de existência inferior a meio metro quadrado. É nesse universo que executa as suas funções básicas - salvo algumas, naturalmente: lê, vê televisão, conversa, pensa (às vezes), trabalha, ouve música, come, bebe e dorme. Por isso, se o ambiente por alguma razão se conspira, está o caldo entornado para o resto da viagem.

Neste caso o caldo era vinho. Estava num copo de plástico, pendurado num suporte das costas do assento à frente. Um movimento mal calculado, no qual uma perna ergueu-se 32 milímetros a mais do que devia, levou um joelho ao encontro do copo, e este para fora do suporte. O recipiente adornou para o lado esquerdo e o líquido idolatrado por Baco e por milhões de seguidores despenhou-se em queda livre, estatelando-se contra as minhas pernas e tingindo alegremente as calças que as cobriam.

Há gente que faz as coisas mais incríveis dentro de um avião. Mas eu, realista, sabia da limitada intimidade da poltrona 17C, sobre a qual eu estava depositado. Nem valia a pena tentar disfarçar.

“Com licença”, disse ao meu vizinho do lado, com o qual troquei duas palavras durante toda a viagem: “com” e “licença”. Levantei-me e fui para a casa-de-banho tentar remediar as nódoas. Lá dentro, avalei melhor os prejuízos e cheguei a uma conclusão: tinha de lavar as calças.

Não seria inédito. Certa vez, em outro voo, tentei-me levantar, mas senti uma grande resistência, como se algo me estivesse a puxar para baixo.

Julguei que fosse uma força centrífuga causada por uma manobra da aeronave. Mas quando reparei na expressão de asco do passageiro na coxia oposta, aparentemente impressionado com algo que se passava em torno da minha região glútea, inferi que havia matéria passível de inquietação.

Era pastilha elástica. Uma pastilha elástica deixada sobre

a poltrona por um passageiro anterior, certamente um adepto da reciclagem. Grudou-se nos fundilhos da minha vestimenta, dessa forma ligando-me indelevelmente, mas com alguma elasticidade, ao assento. Até que me conseguisse desvencilhar do grude, foi um espectáculo para os demais viajantes.

Tive de despir as calças na casa de banho, onde, depois de

CRISTINA SAMPAIO



experimentar todos os produtos de higiene pessoal disponíveis, descobri que um perfume que lá estava era o melhor solvente para a pastilha. Saí excessivamente balsâmico da cintura para baixo, mas com o problema resolvido.

Com o vinho, o caso era mais complexo. Tive de mergulhar as calças no lavatório, a título de tanque de lavar roupa. Levou tempo até eliminar as máculas vinícolas, de tal modo que quando deixei a casa de banho, quinze minutos mais tarde, já uma fila enorme de desesperados se alinhava no corredor, para desespero ainda maior de quem se sentava nas filas de trás da aeronave.

Saí com as calças vestidas, mas ensofadas dos joelhos para baixo. Achei que o melhor era sorrir, como se nada estivesse a acontecer. “Com licença”, fui dizendo, embora não fosse preciso - todos se afastavam voluntariamente do caminho.

De volta ao meu lugar, ainda cobri as pernas com jornais e, sobre estes, uma manta. Olhei para o meu vizinho do lado, esbocei um sorriso e voltei-me novamente para a frente. Ele franziu o sobrolho e torceu os lábios, em profunda comoção. Mas eu estava no meu microcosmo e fingi que não era comigo.